

Formação de Professores: a musicografia Braille como instrumento de inclusão de alunos com deficiência visual ao ensino sistemático da música

João Gomes da Rocha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
jviolonista@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo relatar a importância da formação de professores em musicografia Braille para atendimento e ensino adequado a alunos com deficiência visual ao ensino sistemático da música de forma a contribuir para a inclusão social. Experiência essa, vivenciada pela Casa Talento, onde a mesma desenvolve o ensino especializado de música na cidade de Natal/RN em que buscou implementar a notação musical em Braille entre o seu corpo docente. Atuante na cidade há 14 anos, visa ser um centro cultural comprometido com a sociedade, tendo como foco o ensino, a sociabilização e a extensão. Para isso, oferece cursos de música a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Busca-se nesse relato através de uma abordagem qualitativa discorrer acerca dos desafios e implicações dessa escrita como um instrumento potencial de inclusão social das pessoas com deficiência visual ao ensino sistemático da música. A musicografia Braille na Casa Talento encontra-se em processo de afirmação sendo a única escola de ensino básico de música a oferece essa disciplina na cidade de Natal. No ano de 2014, foi realizado o “I curso de capacitação em educação inclusiva para professores da Casa Talento” com vista a preparar adequadamente seus professores para o atendimento aos alunos com deficiência, bem como promover a quebra de barreiras atitudinais e de estereótipos. Conclui-se que a musicografia Braille ainda encontra-se incipiente nos âmbitos educacionais sendo desconhecida pela grande maioria dos professores de música.

Palavras chave: Formação de professores. Inclusão social. Musicografia Braille.

Introdução

A casa talento¹ é uma escola especializada em música localizada na cidade de Natal/RN que desde o ano 2000 oferece cursos de música a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. A parti de 2009 passou a oferecer o ensino da musicografia Braille, um sistema de notação musical usado por músicos com deficiência visual, permitindo-lhes acesso à leitura e escrita musical.

¹ Para maiores informações sobre a Casa Talento visite o site: <<http://www.casatalento.com.br/>>

Com a política da educação inclusiva referenciadas em documentos como: Declaração Mundial de Educação para Todos de Jomtien (TAILANDIA, 1990), Declaração de Salamanca (1994), Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB) e a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva Inclusiva (PNEE), a escola não poderia deixar de oferecer aulas de música a esses alunos.

Outro fator que também contribuiu para o interesse dos alunos com deficiência visual buscarem o ensino da música na casa talento, pode se justificar pela proximidade entre o Instituto de Educação e Reabilitação de cegos do Rio Grande do Norte (IERC), ambiente frequentado por eles, e a casa talento, ambos situados no bairro do Alecrim.

No entanto, sendo a Casa talento uma escola que visa ser um centro cultural, comprometido com a sociedade, tendo como foco o ensino, a sociabilização e a extensão. Procurou nos últimos seis anos implementar o ensino de música para pessoas com deficiência visual de forma a fornecer um ensino musical de qualidade e sem discriminações, que os possibilitassem adquirir meios e recursos que os favorecessem no seu processo de aprendizagem e para isso buscou conscientizar e preparar seu corpo docente e administrativo acerca dessa nova realidade, através do “I Curso de Capacitação em Educação Musical Inclusiva para Professores da Casa Talento”.

O presente artigo tem como objetivo relatar a importância da formação de professores em Musicografia Braille para atendimento e ensino adequado a alunos com deficiência visual ao ensino sistemático da música de forma a contribuir para a inclusão social.

A Musicografia Braille

A notação musical em Braille é um sistema de escrita criado por Louis Braille em (1825) que permite a pessoas com deficiência visual acesso a partituras musicais, proporcionando-lhes autonomia e independência. É constituído por 64 celas, incluído a cela vazia, onde escrever se verticalmente em duas colunas de três pontos em alto relevo. Conforme (FIGURA 1):

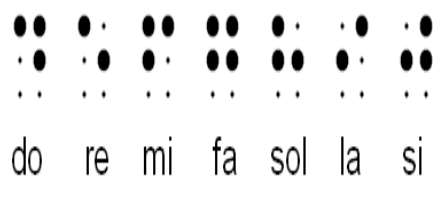
Figura 1 – Cela Braille



Fonte: BERTEVELLI, 2010.

Esse sistema de notação permite representar as notas musicais através das combinações dos seis pontos. Ver (FIGURA 2):

Figura 2 – Notas musicais em colcheias



Fonte: http://www.deficienciavisual.pt/txt-educacao_musical_DV.htm

Vale salientar que as combinações dos pontos (1-2-4-5) representam as figuras de colcheias. Acrescidas a essas mesmas combinações da figura 2 o ponto 3 passam a representar mínimas e fusas, do ponto 6 semínimas e semifusas e por fim, dos pontos 3 e 6 as semibreves e semicolcheias. Dessa forma sendo representadas através das demais combinações e sinais específicos em Braille todos os símbolos de uma partitura convencional.

De acordo com Bonilha e Carrasco (2007, p. 5) “A alfabetização musical permite aos cegos que venham atuar como profissionais capacitados, podendo exercer atividades pedagógicas e trabalhar como instrumentistas”. Para possibilitar a inclusão de deficientes visuais ao ensino sistemático da música é imprescindível que cada professor conheça as especificidades da Musicografia Braille. Como coloca Melo:

Pensar o ensino da música para cegos implica reconhecer as formas de aquisição desse conhecimento e suas especificidades necessárias. Assim, destaca-se como elemento principal a notação específica para esse ensino: A Musicografia Braille (MELO, 2011, p.40).

Contribuir para a divulgação dessa escrita é de suma importância para educação de maneira geral e especificamente a musicografia que pouco tem sido abordada nos âmbitos educacionais.

Educação Inclusiva e Música

A temática da inclusão social tem sido amplamente discutida nos últimos anos em diversos contextos e nos mais variados espaços educacionais, embora sendo esta inclusão direcionada na maioria das vezes as pessoas com necessidades especiais, ver-se a inclusão educacional de forma mais abrangente, corroborando com a definição de (BONILHA; CARRASCO, 2007, p.2) “definindo-a como o processo pelo qual todo e qualquer aluno esteja inserido ao sistema escolar, independente de sua condição física, intelectual, social ou cultural”. Desta forma se faz necessárias mudanças de atitudes e conscientização por parte de todos, tendo em vista que cada indivíduo é único e dispõe de multiplicidades de saberes.

Nas últimas décadas é crescente o número de movimentos sociais organizados que buscam trabalhar com crianças e jovens em risco social ou em situação de exclusão. A música tem sido usada como um instrumento dessa inclusão por diversas organizações não governamentais (ONGs) em todo o país, com isso, podemos observar práticas bastantes acentuadas ligadas ao fazer musical. Neste contexto se insere o projeto Casa Talento que está ligado a Associação Cultural Talento Suzuki, uma organização não governamental sem fins lucrativos que oferece ensino básico de música para crianças e jovens da cidade de Natal/RN em situação de vulnerabilidade social, proporcionando desenvolvimento pessoal e criando a possibilidade de profissionalização, sendo atendidos durante todo o ano 200 beneficiários com cursos de: violino, viola, violoncelo, guitarra, violão, baixo elétrico, bateria, linguagem e estruturação musical, musicalização infantil e Musicografia Braille.

A casa talento caracteriza-se como uma instituição de ensino não-formal, ou seja, aquela educação que acontece fora da educação básica e que está livre das exigências da LDB. Para Libâneo (1999, p.23) “A educação não-formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação”.

A escola tem como lema “música e educação para o futuro” não visando somente ter uma função assistencialista, mas formadora de indivíduos cientes do seu lugar na sociedade,

de seus deveres e de seus direitos. Preenchendo muitas vezes as lacunas deixadas pela educação dita “formal”.

Fenômeno esse já apontado por Toledo:

As instituições que conduzem experiências educacionais não escolares vêm ocupando espaço significativo na atual sociedade brasileira. Tais projetos, freqüentemente conduzidos por Organizações Não Governamentais, parecem apontar para a tentativa de preencher lacunas deixadas pela instituição escolar e geralmente atuam entre grupos sociais excluídos e desfavorecidos (TOLEDO, 2008, p. 77).

Santos também discorre a respeito desse assunto:

[...] Esses projetos, por sua vez, tomaram significativas dimensões em nossa sociedade, buscando suprir as deficientes iniciativas socioculturais viabilizadas pelos governantes, causando impacto e interagindo diretamente com a sociedade, ao contribuir positivamente para a recuperação da ação educativa e cultural de crianças e jovens de baixa renda. Com propostas de cunho social, os projetos atuam junto às comunidades como agente propiciador do desenvolvimento individual e sociocultural, fazendo assim, parte do processo de educação integral do homem e, possibilitando a conquista da cidadania desses indivíduos, como pessoas críticas e participativas inseridas na sociedade (SANTOS, 2007, p. 3).

A inclusão social por intermédio das ONGs tem contribuído de maneira expressiva para inserção de pessoas com necessidades especiais ao ensino de música através de seus projetos sociais, mas para isso é preciso muito mais do que querer incluir e sim proporcionar meios para que essa inclusão aconteça.

A musicografia Braille na Casa Talento

Buscando atender a alunos com deficiência visual que procuravam a Casa Talento para terem aulas de música, a instituição no ano de 2009 passou a oferecer o curso de Musicografia Braille promovendo o acesso desses alunos a educação musical. Contudo, os desafios foram grandes, principalmente no que diz respeito a profissionais qualificados para atender aos alunos. A escola contava com apenas um professor que ministrava as aulas de musicografia, aliada ao teclado e a flauta doce, alunos que por sua vez quisessem aprender outros instrumentos ficavam impossibilitados. Alguns aspectos são apontados como obstáculos por autores como Bonilha (2006; 2007), Bertevelli (2010) como barreiras a serem vencidas.

Faz se necessária uma sistematização no conhecimento nesta área, a fim de que se instaurem propostas e debates no que se refere à educação musical inclusiva, de modo a serem consolidadas práticas que sejam fundamentadas em um referencial teórico claro e consistente. (BONILHA, 2006, p. 13)

O estudo da musicografia Braille se faz necessário, pois ainda é um campo pouco explorado pelos educadores musicais, colaborando para a escassez de material específico e o pouco interesse de professores em ensinar música a alunos com deficiência visual.

Existem poucas instituições de deficientes visuais que se dedicam oficialmente ao ensino da notação musical em braille, à produção de material específico e à formação do educador que desenvolverá um trabalho nessa área ou que poderá receber esse aluno nas escolas regulares ou em cursos de música. (BERTEVELLI, 2010, p. 2).

Pensar o ensino de música para pessoas com deficiência visual implicaria em desenvolver e até mesmo desmistificar em seus professores conceitos relacionados à educação inclusiva, para isso viu-se a necessidade de capacitar seu corpo docente. Em 2011 a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) oferece um curso de curta duração de introdução a Musicografia Braille ministrada pela professora Dolores Tomé, uma importante educadora que ministra cursos por todo o país para formação de professores que possam trabalhar com essa grafia. A Casa Talento enviou dois de seus professores para uma primeira experiência, entretanto percebeu-se que as primeiras barreiras teriam que ser vencidas pelos próprios professores, pois esses teriam que aprofundar-se dentro das peculiaridades da escrita e na transmissão para a linguagem idiomática de cada instrumento, um desafio, em se tratando de que não há métodos de ensino musical para deficientes visuais, ou seja, cada professor teria que elaborar o seu método. Quanto a isso Bonilha diz que:

Educadores dispostos a desenvolver um trabalho junto a esses alunos devem conhecer as peculiaridades da Musicografia Braille, assim como devem estar aptos a proverem os recursos e o suporte de que tais estudantes necessitam durante o aprendizado. (BONILHA, 2006, p.32).

A partir de 2012 a Casa Talento passou a oferecer curso de violão para alunos com deficiência visual, iniciando assim, a sistematização desse processo de inclusão através das aquisições de regletes e uma máquina Perkins, todas por meio de doações, bem como transformações arquitetônicas para facilitar a locomoção e identificação em Braille de todas as salas. Alcançando o ponto mais alto até o momento, com a realização do “I curso de

capacitação em Educação Inclusiva para professores da Casa Talento” tendo como área de conhecimento a deficiência visual e a Musicografia Braille, com o objetivo de preparar os professores para que tenham domínio e segurança na aplicação do sistema Braille em sua área de atuação.

O curso aconteceu no primeiro semestre de 2014 com cinco encontros aos finais de semana sendo quatro horas cada, totalizando uma carga horária de 20 horas. Os conteúdos abordados foram: introdução à deficiência visual; possíveis adaptações para pessoas com baixa visão; o sistema e alfabeto Braille; código matemático; Musicografia Braille; orientação e mobilidade, sendo este último ministrado ao corpo administrativo da escola.

No primeiro momento foram mostradas através de slides as diferenças entre os níveis de cegueira e como cada professor poderia atuar com esses alunos, levando em consideração suas limitações, fazendo adaptações, mas sem deixar de oferecer-lhes um ensino igualitário e completo. Através do sistema Braille os professores puderam ter uma noção da grafia por meio de exercícios básicos como escrever seus próprios nomes, passando assim, a ter um primeiro contato com a escrita. Também foi proposta leitura de palavras e pequenas frases, em que cada professor mesmo que com o manual em mãos buscava compreendê-las. O primeiro contato com a grafia foi marcado pelo deslumbramento com o novo, com algo que parecia ser de “outro mundo”. Porém, o que se constatou foi a ampliação das perspectivas de aprendizagem dessa escrita, até então desconhecida pela maioria dos professores.

Pode se perceber que o desenvolvimento do processo de inclusão através da musicografia dentro da instituição dependia em sua maior parte dos educadores e no esforço para aprender uma nova forma de transcrever a música. A partir do contato com a musicografia cada professor buscou associar a escrita tradicional, no entanto, as diferenças são claras como já aponta Souza (2010) quando expõe sobre a verticalidade da partitura musical em tinta e horizontalidade da partitura em Braille, isto é, aquilo que é escrito em apenas um compasso pode ser representado por inúmeras celas, trazendo consequências principalmente no que se refere a transcrição de partituras.

Por fim tivemos uma aula de orientação e mobilidade com a professora responsável por essa disciplina no IERC. Foi proposto aos professores e outros profissionais da instituição a simulação da perda visual em que os mesmos eram guiados por outros colegas, no momento desta experiência, a ministrante do curso foi inserindo obstáculos durante o percurso.

Também houveram orientações de como abordar uma pessoa com deficiência visual, como conduzi-las as salas de aulas, como conversar sem qualquer constrangimento. Essa experiência certamente acrescentará na formação continuada desses profissionais enquanto agentes dessa inclusão, é claro que é só o início de uma trajetória longa e que requer muito empenho de todas as partes, seja ela instituição ou professores.

Considerações Finais

Mesmo que de maneira introdutória, este curso pode trazer novas concepções e mudanças significativas na atuação dos professores em sala de aula. Uma vez que a musicografia Braille ainda encontra-se incipiente no nosso país, realidade essa que devemos modificar com ações como a da Casa Talento, proporcionando preparo dos seus profissionais em vista a atender com qualidade indivíduos tão discriminados e excluídos da sociedade.

Não somente por ser referência em ensino e incentivo à musicografia Braille em Natal, mas principalmente por apoiar a inserção dos alunos com deficiência visual no mercado de trabalho. Incentiva-los a retornarem aos estudos, tendo em vista que muitos abandonaram a escola básica, assim como facilitar o acesso à educação musical de forma satisfatória. Tendo como prioridade contribuir para o desenvolvimento humano, valorizando a independência que a pessoa com deficiência visual poderá adquirir após as aulas de música.

No que diz respeito ao acesso de deficientes visuais aos cursos de música. Bertevelli argumenta que:

Atualmente no Brasil, há uma crescente procura dos deficientes visuais pelos cursos de música e nos deparamos com três problemáticas básicas: a falta de formação de educadores para atender essa clientela, seja em escolas de música ou em escolas regulares, a falta de cursos específicos de Musicografia Braille, tanto para deficientes visuais quanto para educadores, e a escassez de material musical em braille ou o difícil acesso a ele, o que compreende partituras, livros de música e softwares específicos para transcrição musical. (BERTEVELLI, 2010, p. 1).

É preciso repensar sobre o processo de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em todos os níveis de escolarização, seja na educação formal ou informal. Por tanto se faz necessária uma preparação adequada de professores e produção de material de ensino musical que abordem a temática da musicografia Braille, para que de fato proporcionemos uma educação dita inclusiva.

Referências

BERTEVELLI, Isabel Cristina Dias. Musicografia Braille: a partitura musical em braille como recurso na educação musical de cegos. In: ENCONTRO DE MUSICOGRAFIA BRAILLE, (1.), 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <http://www.musicografia.net/uploads/1/1/2/4/11245254/musicografia_braille._a_partitura_m_sica_em_braille_como_rec.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2014.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. Campinas, 2006. 226 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____; CARRASCO, Claudiney. *Ensino de Musicografia Braille: um caminho para a educação musical inclusiva*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. (17.), 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPPOM, 2007. p. 1-6.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para que?* São Paulo: Cortez, 1999.

MELO, Isaac Samir Cortez de. Um Estudante Cego no Curso de Licenciatura em Música da UFRN: Questões de Acessibilidade Curricular e Física. 2011.129f. Dissertação de (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências e Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

SANTOS, Carla Pereira dos. Educação Musical nos Contextos Não-formais: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. In: XVII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPON), 2007, São Paulo. *Anais do XVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. São Paulo: Unesp, 2007.

SOUZA, Rafael Moreira Vanazzi de. Diferenças na notação musical em tinta e em braille: suas implicações na sala de aula. In: Encontro Regional da ABEM Sul, 13. 2010, Porto Alegre. *Anais...* Maringá, UEM, 2010.

TOLEDO, Valéria Diniz. Inclusão Social e Arte na Educação não-Formal: a experiência do Instituto Arte no Dique. In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL: O ESTADO E AS POLITICAS EDUCACIONAIS NO TEMPO PRESENTE, 2008, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia-MG, 2008. P. 75-91.